

4.

Setembro de 2008 - Nova York - Whitney Museum – exposição de Paul McCarthy

Um espaço circular definido por telas em branco que separam o lado de fora e o de dentro. Várias câmeras filmam tanto fora quanto dentro e reproduzem nas paredes feitas de telas, as imagens filmadas. As imagens logo quando projetadas são filmadas também, produzindo-se, desta forma, imagens de imagens. Algumas câmeras projetam no círculo de telas o exato momento em que se está olhando as imagens projetadas; outras, projetam o instante logo anterior, em que se está do lado de fora, entrando no círculo de projeção. As imagens são expostas num movimento circular de forma mais rápida em alguns momentos e, em outros, num movimento bastante lento, algumas vezes elas estão em sua posição original, outras, de forma invertida.

A primeira sensação que tive ao entrar foi de um estranhamento do tempo. O passado tão recente se misturando ao presente, num deslocamento perturbador. Eu me senti ocupando os dois, passado e presente, simultaneamente. Um instante e um instante logo anterior se misturam, e esta mistura provoca uma suspensão no tempo, um encontro entre o que logo passou e o que está naquele momento se passando, e de novo passando e de novo passou. O tempo é ali a própria narrativa.

Os tempos deslocados através das imagens, no trabalho de McCarthy, provocam uma suspensão do corpo, que passa a ocupar, por alguns instantes, um lugar estrangeiro no tempo, um lugar que parece ser fora dele, porque dele completamente ocupado. O presente oscila. É uma sensação fugidia, mas intensa.

Estas duas experiências, de modo diferente, se fazem na presença do espectador, elas não se estabilizam, e não respondem ao que, de maneira geral, se chama obra. Não há obra, mas pensamento, experiências, procedimento, presença e provocação. Provocação ao esticar os limites, mais claramente das linguagens em um, e dos tempos, em outro. E nos dois, ao exigir que o sentido só se faça no e com o corpo do outro, sempre de maneira fluida. O sentido é, dele mesmo, estrangeiro.

Nada que possa responder a uma necessidade de consumo, nada que possa virar um objeto, nada a ser contemplado. Da mesma maneira, nada novo,

mas ainda assim, e também por isso, fértil e potente. Estas duas exposições aconteceram num espaço de referência para a arte contemporânea, um museu que tem como proposta uma relação mais dinâmica e viva com a arte, em Nova York, cidade emblemática da cultura ocidental. A mistura de linguagens na construção de narrativas, o tempo instável, o presente que vacila, que é presente e passado simultaneamente, e por isso também produtor de narrativas, são questões que estão presentes na arte contemporânea ocidental, e que, sem forçar aqui semelhanças, fazem parte da poética do griot. Narrativas de narrativas, narrativas de corpos em presença, mistura de linguagens, mistura de tempos. De alguma forma, no ocidente, por caminhos bastante diferentes, os limites entre linguagens estão se esgarçando, estamos pensando e criando também a partir da presença, uma presença que não tem valor apenas ao produzir sentido, mas também ao produzir intensidades, e estas intensidades podem ser, muitas vezes, violentas.

Por isso, acho interessante o encontro com o griot e sua cultura, muito antiga, formada em torno da palavra e da presença, não para entendê-los ou conformá-los dentro dos parâmetros ocidentais, nem buscando analogias redutoras, mas para provocar um encontro e um estranhamento potente nas relações entre palavra, som, imagem, sentido e presença que o ocidente vem produzindo.

No livro *Seis propostas para o próximo milênio*, de Ítalo Calvino, a multiplicidade é a última proposição. O conhecimento como multiplicidade vem perpassando as artes desde o modernismo. A multiplicidade contém o mundo dilatado e inapreensível, contém uma rede de possibilidades e o vazio. Rede que tece não só o conteúdo, mas também a forma, e, a própria linguagem, ela também, múltipla. Na tradição oral africana, a multiplicidade é a forma de se relacionar com o saber. Amadou Hampâté Ba, escritor do Mali, considerado um mestre da tradição oral, e que não é um griot, em seu livro *Amkoullel, o menino fula* conta como se dava a transmissão do conhecimento quando era menino. Um contador de histórias vinha à noite até sua casa e, durante as narrativas, falava sobre diversos assuntos. Ele escreve que estes homens, profundos conhecedores, eram capazes de abordar quase todos os campos de conhecimento da época. Um conhecedor nunca era um especialista e sim, um generalista. Para Calvino, a linguagem é uma forma de aproximar-se das coisas, presentes ou ausentes, respeitando o que elas comunicam sem o recurso das palavras. Não é uma forma

de representação, e sim, de aproximação. Portanto, também uma forma de encontro.

Se a palavra, na África Ocidental, tem grande poder, ao aproximar-se dela, é importante cuidar e respeitar o que não é possível ser dito ainda através da fala. É importante respeitar o que a palavra fala e o que nela se cala.

Esta narrativa é, também ela, uma forma de aproximação, uma aproximação da multiplicidade do mundo, de outras margens. Uma possibilidade de produzir perguntas a partir de encontros, tenham elas respostas ou não. O estranhamento pode também ser este lugar desconfortável para o qual muitas vezes não há resposta. Outras margens e transbordamentos, possibilidades de intensidades.